

A doença do lago

EXPEDICTO QUINTAS

11 NOV 1985

Está doente, acometido de grave enfermidade ecossistêmica o lago do Paranoá. O mal que o alcança é comum aos agravos sofridos pelas chamadas águas interiores formadas pela convergência dos cursos naturais e dos drenos de superfície que carreiam para a sua concha lacustre as vazões permanentes ou temporárias representadas pelos riachos que o alimentam e pelos excessos pluviais que se precipitam sobre os 44 km² de sua bacia tributária para formar o respeitável volume de seiscentos milhões de metros cúbicos acumulados pelos contrafortes da barragem do Paranoá.

Todos os núcleos urbanos contidos no interior da faixa sanitária deveriam canalizar os seus esgotos para os coletores de usinas de tratamento para uma reciclagem biodegradada e medicação sanitária, dando às águas tributárias que o lago absorve as condições mínimas que se harmonizem com o ciclo que vai da recepção, passando pela deposição e finalmente se encaminhando para a vazão, atendendo aos apelos da gravidade, acenados pelo seu vertedouro.

Para a desdita de nossa envolvente lacustre apenas 30% dos esgotos de Brasília passam pelos filtros de um tratamento conveniente. Os

restantes 70% chegam aos níveis da cota mil e são diretamente lançados na massa líquida do lago. Os dejetos humanos, as águas contaminadas pela saturação química, de todas as procedências — comerciais, industriais, domésticas, hospitalares, pluviais, entre outras —, são atiradas na caixa de decantação do perímetro potâmico do Paranoá para a digestão impossível que até aqui vem-se tornando cada vez mais inviável e conseqüentemente ampliando as vésperas da grande catástrofe ecológica, cuja ocorrência poderá sobrevir em curtíssimo prazo.

O material em suspensão, num processo cumulativo que já dura mais de 23 anos, está sendo decantado, causando o assoreamento que corresponderia a uma esclerose, sintomatologia indissociável a qualquer porção de água mantida em cativeiro de barramento. A presença de dosagens cada vez mais concentradas de determinados elementos químicos — fósforo por excelência — acarreta a proliferação de algas que por sua vez alteram a composição da massa líquida, retirando o oxigênio, indispensável para dar suporte à vida dos peixes.

Relato impressionante dá conta do caráter crítico do tratamento das águas. Sua

autoria é de um técnico de nomeada que durante muitos anos dirigiu a Caesb. Contava ele que num congresso mundial tomou conhecimento de caprichosa incidência de emasculação dos habitantes de uma determinada região de Londres, usuária de águas captadas do Tâmis. Embora tratada com os padrões normais de purificação para torná-la potável, nela permaneciam dissolvidos os hormônios femininos eliminando pelas vias urinárias os esteróides ingeridos como contraceptivos por parte das mulheres londrinas. O ciclo de utilização da água, no caso, era suficientemente breve entre o esgotamento sanitário e o abastecimento para consumo, mantendo-se assim, ativos os determinismos hormonais. **Et por cause...**

Os prognósticos clínicos para as águas do nosso Paranoá, por tais razões, são sombrios. A velocidade de renovação é lenta e a tributação de toxinas e impurezas o anemiza em sua vitalidade, empurrando-o para o agravamento de seu estado agônico. Aos poucos vai perdendo a sua indenidade biodinâmica. Está velho e caquético, na rota do aniquilamento.

Desde o final da década de 60 toda uma terapia para a sua plena integração como

segmento paisagístico e urbano ficou delineada e as receitas arquivadas nas prateleiras da Caesb. A administração Plínio Cantanhede fez completar estudos consagrados, técnica e economicamente, para defender o Paranoá. Os demais executivos que governaram o Distrito Federal pouco puderam fazer. Não por desídia mas sim por falta de recursos.

Agora, com o grande enfermo a reclamar um tratamento intensivo, a Nova República vai colocar um biombo ao seu redor para investir perto de Cr\$ 500 bilhões buscando reverter o quadro nosológico que o colocou na UTI da engenharia sanitária. Depois dessa terapia de choque o Paranoá ainda não entrará em convalescença, mas com segurança, estará sendo liberado do seu atestado de morte, que já estava em papel passado.

A precos de hoje o tratamento do querido doente, estimado em cerca de treze milhões de UPC, já passa dos Cr\$ 758 bilhões. A esperança de todos é que não falem os recursos necessários para impedir que o mal volte com um ciclo mais agudo em sua agressividade e o faça sucumbir. Em matéria de tratamento de lago, ou se faz o necessário ou ele perecerá.